EXPONDO UMA FRAUDE MISSIONÁRIA[1]

I. INTRODUÇÃO

Os recursos disponíveis hoje na internet são quase ilimitados, o que pode ser tanto uma coisa boa quanto ruim. Boa, por causa do valor educativo potencial derivado a partir desses recursos. Ruim, por causa do impacto adverso potencial que informações falsas, bem como insidiosas retiradas da internet podem ter sobre seus usuários e/ou aqueles a quem ela está sendo dirigida.

Com relação ao trabalho em curso na educação anti-missionária existe a presença de uma infinidade de sites cristãos repletos de apologéticas cristãs. O site em inglês *Jews for Jesus*[2] por exemplo, é um recurso popular do gênero e é utilizado por outros sites missionários fundamentalistas para proliferar a desinformação tão comum com os ensinamentos da Bíblia Hebraica.

Neste ensaio o tratado missionário intitulado '*Almah significa jovem mulher ou virgem'?*[3] que aparece no site *Jews for Jesus* será analisado e exposto como sendo nada mais um conjunto de desinformação e mentiras enganosas.

II. EXPONDO A FRAUDE MISSIONÁRIA

Cada parte deste tratado missionário será agora examinada pela sua respectiva exatidão.

A. O Material Introdutório

No parágrafo introdutório daquele tratado, o autor assinala que um dos argumentos usados contra a doutrina cristã do "nascimento virginal" e o uso de Isaías 7:14 como "texto-prova", é que a palavra hebraica עַלְמָה (***alMAH***) não significa "virgem", e que os judeus não acreditam em um "nascimento virginal". O autor então, em seguida, faz a seguinte afirmação:

> **Achados arqueológicos demonstram que a palavra hebraica "almah" refere-se a uma virgem. A possibilidade de um nascimento virginal é confirmada por sábios judeus esclarecidos e estudiosos, mesmo aqueles que não são crentes em Jesus.**

---

[1] As transliterações da terminologia hebraica para o alfabeto latino seguirão as seguintes orientações:
- A terminologia transliterada será mostrada em ***itálico negrito***
- A sílaba acentuada na terminologia transliterada será mostrada em MAIÚSCULAS
- Sons das vogais Latinas, A - E - I - O - U, serão utilizadas.
- Letras hebraicas distintas que têm sons ambíguos das letras latinas são transliteradas de acordo com a as seguintes regras:

- A letra א vocalizada será transliterada como a vogal equivalente latina
- A letra ע vocalizada será transliterada como a vogal equivalente latina com um agregado sublinhado
- A letra ח será transliterada como "h̲"
- A letra כ será transliterada como "ch"
- A letra כ será transliterada como "k"
- A letra ק será transliterada como "q"
- Um ***SHVA*** vocalizado (שְׁוָא נָע) será transliterado como "e" expoente seguindo a consoante
- Não existe "duplicação" de letras nas transliterações para refletir o ***daGESH*** (ênfase)

[2] O endereço do site em Inglês é - http://www.jewsforjesus.org

[3] Do título original em inglês - *Does almah mean young woman or virgin?* – pode ser encontrado no seguinte link: http://www.jewsforjesus.org/answers/prophecy/does-almah-mean-young-woman-or-virgin

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

Esta afirmação, embora seguido daquilo que o autor afirma ser uma "evidência" para apoiá-lo, não é de fato verdadeira. Na análise a seguir, cada uma das "exposições" trazidas pelo autor do tratado missionário será abordada em uma subseção separada.

O título de cada uma das subseções identifica um Anexo # e o respectivo elemento do "apoio material probatório" do autor.

B. Anexo # 1 - Um artigo publicado pelo professor Cyrus H. Gordon

✞ **Alegação Cristã**: Os "achados arqueológicos" citados no tratado são extraídos de um artigo técnico publicado pelo falecido Cyrus H. Gordon[4], que é descrito pelo autor como um renomado "estudioso judeu". O autor cita os seguintes excertos do artigo do professor Gordon[5]:

> A visão comum de que "virgem" é uma ideia cristã, enquanto que "jovem mulher" é uma ideia judaica não é bem verdade. O fato é que a Septuaginta, a tradução judaica produzida na Alexandria pré-cristã, apresenta *'almah* significando "virgem" aqui. Consequentemente, o Novo Testamento segue a interpretação judaica de Isaías 7:14.
>
> ---
>
> Procede do ugarítico por volta de 1400 a.E.C., um texto celebrando o casamento de divindades lunares. Ali estava vaticinado que a deusa teria um filho... A terminologia é notavelmente muito similar a Isaías 7:14. No entanto, a declaração ugarítica que a noiva teria um filho é, felizmente, dada de uma forma paralelística; em 77:7, ela é chamada pelo exato termo etimológica masculino do hebraico ‘*almah* - “jovem mulher"; em 77:5, ela é chamada pelo exato termo etimológico masculino de *betulah* "virgem". Portanto, a tradução do Novo Testamento de ‘*almah* como "virgem" em Isaías 7:14, baseia-se na interpretação judaica mais antiga, que por sua vez é agora confirmada exatamente por essa fórmula da anunciação de um texto que não é apenas pré-Isaías, mas pré-Mosaico na forma que temos agora em uma tábua de argila.

✡ **Resposta Judaica**: Esta afirmação é verdadeira? Uma observação surpreendente pontual no início do tratado missionário tem a caracterização de Cyrus H. Gordon como sendo um “renomado estudioso **judeu**" (**negrito** acrescentado para destaque). O professor Gordon foi um arqueólogo, historiador e linguista de renome mundial, que também tinha **ascendência judia**, embora, ele mesmo fosse um judeu secular. Usando a mesma terminologia, poderia-se dizer que Albert Einstein e Carl Sagan eram "renomados estudiosos judeus", embora certamente não "principais estudiosos **do judaísmo**". Ambos eram físicos que tinham ascendência judia. Isso pode ser apenas uma questão de *semântica*, mas também pode indicar que o autor se refere ao Professor Gordon como "um renomado estudioso **judeu**" a fim de dar aos leitores desavisados a (falsa) impressão de que ele é um "estudioso **judaico**". Se este for o caso, então é plausível que, sob este aspecto, o autor levanta determinados segmentos "ajustados" do artigo técnico do Professor Gordon a fim de apoiar as suas alegações. Esta nota indica que, de fato, uma conclusão oposta pode ser utilizada com as informações contidas nele não tendo realmente nenhuma validade sobre os aspectos teológicos desse assunto.

Uma leitura superficial do material sendo seletivamente citado do artigo no tratado missionário poderia induzir o leitor a acreditar que o professor Gordon apoiava a alegação missionária cristã comum de que a palavra hebraica עַלְמָה significa "virgem".

---

[4] **Almah in Isaiah 7:14**, *Journal of Bible and Religion*, p. 106, Vol. XXI, No. 2 (April 1953).

[5] Na nota, a utilização da marcação **'a** é utilizado para a transliteração da letra hebraica ע (***ayin***; a 1ª letra da palavra עַלְמָה).

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

No entanto, um exame cuidadoso das "evidências" demonstra que essa pretensão é insustentável na melhor das hipóteses, se não completamente falsa.

O artigo do professor Gordon é reproduzido na Figura IIB-1 abaixo, na qual as porções citadas do tratado missionário são mostrados na forma de destaque.

Figura II-B-1 - O Texto integral do artigo do professor Gordon

'Almah em Isaías 7:14

CYRUS H. GORDON*

Desde a publicação da *Revised Standard Version*, houve uma tempestade de debate sobre a tradução de 'almah em Isaías 7:14 como "jovem mulher" em vez de "virgem" presente na KJV. A visão comum de que "virgem" é uma ideia cristã, enquanto que "jovem mulher" é uma ideia judaica não é bem verdade. O fato é que a Septuaginta, a tradução judaica produzido na Alexandria pré-cristã, apresenta *'almah* significando "virgem" aqui. Consequentemente, o Novo Testamento segue a interpretação judaica de Isaías 7:14.

Com efeito, pouco serviria em repetir a explicação erudita dos hebraístas que têm contribuído na sua tentativa de esclarecer o ponto em questão. Tudo se resume a isto: a palavra hebraica para "virgem" é betulah, ao passo que 'almah significa "jovem mulher" que pode ser virgem, mas não necessariamente assim.

O objetivo desta nota é de chamar um pouco da atenção para uma fonte que ainda não foi trazida para esta discussão. Procede do ugarítico por volta de 1400 a.E.C., um texto celebrando o casamento de divindades lunares. (Para a tradução, vide o meu "*Ugaritic Literature*", Roma, 1949, pgs. 63-64.) A terminologia é notavelmente muito similar a Isaías 7:14. No entanto, a declaração ugarítica que a noiva teria um filho é, felizmente, dada de uma forma paralelística; em 77:7, ela é chamada pelo exato termo etimológica masculino do hebraico '*almah* - "jovem mulher"; em 77:5, ela é chamada pelo exato termo etimológico masculino de *betulah* "virgem". Portanto, a tradução do Novo Testamento de '*almah* como "virgem" em Isaías 7:14, baseia-se na interpretação judaica mais antiga, que por sua vez é agora confirmada exatamente por essa fórmula da anunciação de um texto que não é apenas pré-Isaías, mas pré-Mosaico na forma que temos agora em uma tábua de argila.

* Professor de Assiriologia e Egiptologia, Dropsie College

A primeira coisa a ser observada é que as porções citadas pelo autor do tratado eram selecionadas intencionalmente para promover a visão missionária padrão. Não são citadas as observações no segundo parágrafo sobre as "explicações eruditas dos hebraístas" dos termos hebraicos בְּתוּלָה e עַלְמָה.

Em segundo lugar, certos elementos técnicos no artigo do Professor Gordon exigem mais elaboração e explicação. Um item faz uma surpreendente referência do professor Gordon a ***Septuaginta***, considerando suas credenciais como linguista e arqueólogo. Um equívoco comum prevalece sobre a *Septuaginta*: A Septuaginta de hoje (a **LXX**, uma tradução grega da Bíblia Hebraica usada pelos cristãos) é uma tradução feita por autores desconhecidos, muito provavelmente por cristãos, não sendo ela própria a mesma que a ***Septuaginta Original***.

As evidências em apoio a esta declaração é bastante profusa:

- ➔ A LXX contém erros que estudiosos judeus não cometeriam, principalmente quando se considera a quantidade de pessoas que produziram a tradução[6].

[6] Um desses erros diz respeito ao número de pessoas que foram para o Egito com José. Três referências na Bíblia Hebraica tem o número de 70 (Gênesis 46:27, Êxodo 1:5, Deuteronômio 10:22). A LXX tem o número 75 em Gênesis 46:27 e Êxodo 1:5, mas 70 em Deuteronômio 10:22. A razão mais provável para a 75 nos dois primeiros lugares e 70 no terceiro lugar é que no Novo Testamento, o número é citado como 75 (Atos 7:14), e que os desconhecidos tradutores (provavelmente cristãos) esqueceram de mudar a quantidade em Deuteronômio 10:22, algo que um estudioso judeu nunca faria.

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

- ➔ A *Septuaginta Original* era uma tradução apenas da Torá (os Cinco Livros de Moisés) para o Grego (***Koiné***) por 72 eruditos judeus bi-língues (rabinos). O trabalho ocorreu em Alexandria, no Egito, em meados do século III a.E.C. A conhecida *Carta de Aristeas* descreve todo o projeto como tendo sido encomendado pelo rei Ptolomeu II Philadelphius de Alexandria[7].
- ➔ Na seção 3 do seu *Prefácio às Antiguidades Judaicas*, Josefo afirma que a tradução era "da nossa Lei" (i.e., da Lei Mosaica)[8], e os detalhes sobre o todo o evento aparecem mais tarde, no Livro XII, Capítulo 2, Seções1-4.[9]
- ➔ São Jerônimo, um pai da Igreja cristã primitiva, no prefácio de seu *Livro de Questões Hebraicas*, confirma a declaração de Josefo de que a *Septuaginta Original* era uma tradução apenas dos Cinco Livros de Moisés[10].
- ➔ O Talmude Babilônico, no Tratado de Meguilá, páginas 9a & b, registram 15 frases que os estudiosos judeus traduziram de forma única, e que se desviam do Texto Massorético (posterior), mas apenas duas destas frases traduzidas com exclusividade aparecem na LXX Cristã[11].
- ➔ Por fim, uma análise da língua grega usada na tradução *LXX*, que inclui Profetas e Escritos, indica que não é o grego *koiné* que prevalecia em a meados do século III a.E.C., mas sim um dialeto mais moderno da língua grega.

Portanto, a *Septuaginta* que o professor Gordon refere-se não pode ser a tradução judaica original. Pelo contrário, é mais provável que seja a LXX que contém versos mal traduzidos bem conhecidos, assim como muitos erros e cuja ordem dos livros do cânone segue o padrão cristão, não o judaico. Infelizmente, não é só possível especular sobre a escolha do Professor Gordon desta terminologia particular. Não sendo um estudioso do judaísmo, os aspectos teológicos sobre a *Septuaginta* não eram o foco do trabalho do professor Gordon e ele pode ter ignorado da evidência disponível que comprovava que a LXX de hoje não era a *Septuaginta Original*.

Outra questão técnica relativa ao artigo do Professor Gordon é a afirmação de que a tábua de argila com inscrições ugaríticas, dito ser de cerca de 1400 a.E.C., é pré-Mosaica. Trata-se, como ele mesmo diz, "pré-Isaías". O consenso entre estudiosos (judeus e não judeus) é que a era Mosaica remonta as datas de 1400-1300 a.E.C. Dado que as ferramentas disponíveis para datar no momento da descoberta destas tábuas (final dos anos 1940 e início dos anos 1950), não eram ainda precisas por ± 100 anos, talvez a data das tábuas ugaríticas *"por volta de 1400 a.E.C.",* deveria ter sido dito mais corretamente assinalado "por volta de 1500-1300 a.E.C.".

Considere o poema ugarítico a seguir inscrito na tábua de argila, a qual o professor Gordon se refere em seus comentários técnicos na nota[12]. Os comentários do Professor Gordon e sua tradução das dez linhas relevantes (em destaque, o poema completo contém 50 linhas) são mostrados na Figura II-B-2 abaixo. Os espaços em

---

[7] *The Letter Of Aristeas*, R.H. Charles-Editor, Oxford: The Clarendon Press, 1913; disponível em inglês em - http://www.piney.com/ApocAristeas.html

[8] Josephus, *Antiquities of the Jews – Preface*; disponível em inglês em - http://www.ccel.org/j/josephus/works/ant-pref.htm

[9] Josephus, *Antiquities of the Jews – Chapter XII*; disponível em inglês em - http://www.ccel.org/j/josephus/works/ant-12.htm

[10] St. Jerome, *Preface to the Book of Hebrew Questions*; disponível em inglês em - http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.vii.ii.v.html

[11] As 15 frases que apareceram na Septuaginta Original são os seguintes versos: Gênesis 1:1, 1:26, 2:02, 5:2, 11:7, 18:12, 49:6, Êxodo 4:20, 12 : 40, 24:5, 24:11, Levítico 11:6, Números 16:15 e Deuteronômio 4:19, 17:3. A apenas dois deles encontrados na LXX são: Gênesis 2:2 e Êxodo 12:40.

[12] *Ugaritic Literature – A Comprehensive Translation of the Poetic and Prose Texts*, Cyrus H. Gordon, pp. 63-64, (Rome, 1949).

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

branco dentro de colchetes ([ ]) indicam falta, espaço em branco ou partes ilegíveis na tábua original, alguns dos quais foram redigidas pelo professor Gordon.

Figura II-B-2 - Introdução do Professor Gordon e as linhas relevantes do poema

CAPÍTULO IV:
O CASAMENTO DE NIKKAL E A LUA

O bardo começa com a declaração de que ele canta sobre *dramatis personae (os personagens da trama)*: a noiva Nikkal*****, o noivo Yarih = a Lua, e Hrhb o Rei do Verão, que atua como intermediário para organizar o encontro. O tempo é um encaixe: quando o sol se põe e a lua nasce. O casamento é indicado porque a futura noiva está destinada a ter um filho. Os ktrt são informados da situação, pois eles celebram ocasiões festivas como casamentos na canção. O intermediário é instruído a adquirir a noiva para quem Yarih está disposto a pagar um preço de mil siclos de prata, ainda que uma infinidade de ouro, além de jóias de lapis-lazuli. O noivo também promete ser um bom marido e cultivar sua amada, assim como um fazendeiro transforma em um campo em uma vinha fértil. O intermediário sugere um par de outras deusas que poderiam ser dadas como noivas, sem dificuldades, mas Yarih está firme em seu desejo de casar-se com Nikkal. O casamento é realizado pelo peso (preço) dado para o casamento pela família da noiva. O bardo canta para a noiva que está a ser iluminada pela luz de seu noivo.

Após uma linha do escriba, o texto termina com um canto do ktrt descendo entre as flores para ltpn, o chefe do panteão. Então, o bardo menciona a contagem do dote e dos enxovais.

77:1 Eu canto sobre Nikkal-e-Ib [ ]
Hrhb, Rei do Verão
Hrhb, Rei *Estival*
Quando o Sol se põe
A Lua *nasce*
- - [ ]
77:5 Uma virg[em] dará a luz [ ]
[a K]trt
Filhas do *gemido*
[Absorvem].
Lo uma donzela dará a luz a um f[ilho******]
responde/vedes *lo* por seu amor ela *está* [ ]
[ ]pela carne dela, meu sangue [ ]
77:10 E vinho como/e uma união [ ]

***** De Nin-gal, a deusa suméria lunar. Muito poucas divindades Sumero-acadianas penetraram em Canaã e Egito. Nikkal é uma exceção atestada em Ugarit e Egito (UH § 18,1310). Ela também é chamada de Ib ou Nikkal-e-Ib neste poema

****** Tais anunciações são comuns na literatura ugarítico e bíblica. A mais antiga na Escritura é que feita por um anjo para Hagar, prevendo o nascimento de Ismael (Gen 16:11).

Este poema fala sobre o casamento de dois deuses pagãos. Embora as linhas de 77:5 e 77:7 dizem que o Professor Gordon descreveu em sua nota, várias questões gramaticais, contextuais e teológicas surgem quando se tenta comparar este texto com as traduções comuns de Isaías 7:14 em Bíblias Cristãs:

- ➔ **Tempos**: Em Isaías 7:14, הָעַלְמָה (***ha'alMAH***), **a jovem mulher**, já está grávida. O termo hebraico הָרָה (***haRAH***) é um adjetivo que se refere a uma mulher que já está grávida, e é usado dessa forma consistentemente em toda a Bíblia Hebraica. No poema, o tempo futuro é usado.

- ➔ **Identificação**: Em Isaías 7:14, o termo הָעַלְמָה é usado, ou seja, עַלְמָה com o artigo definido הָ־ (***ha***-), **a** que identifica uma mulher específica que era conhecida tanto por Isaías quanto pelo rei Acaz. No poema, o artigo definido

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

está ausente em ambos os casos, e o artigo comum, **uma**, é usado em vez do artigo definido, **a**, eliminando portanto a identificação específica, algo que se assemelha muito com as traduções de Isaías 7:14 e , é claro, a "citação" do versículo em Mateus 1:23.

➔ **Intercambialidade dos termos**: A afirmação do Prof Gordon, "... em 77:7, ela é chamada pelo exato termo etimológico homólogo do hebraico '*almah* - "jovem mulher", em 77:5, ela é chamada pelo exato termo etimológico homólogo de *betulah* "virgem"., não implica necessariamente que os dois termos são intercambiáveis. Situações semelhantes ocorrem em Gênesis. Rebeca é referida como הַנַּעֲרָ (***ha'na'ARA***), **a jovem moça** e בְּתוּלָה, **uma virgem** em Gênesis 24:16, e, mais tarde, no mesmo capítulo, ela é referida como הָעַלְמָה, a jovem mulher, em Gênesis 24:43, e הָאִשָּׁה (***ha'ISHAH***), **a mulher**, em Gênesis 24:39,44. Será que isso significa que os respectivos termos ou todos esses termos são intercambiáveis? Evidente que não!

➔ **A Linguagem usada por Isaías**: Este é um problema duplo:

1. Por que Isaías usaria o estilo ambíguo ugarítico só em Isaías 7:14? Ele tinha outro vocabulário mais preciso à sua disposição se tivesse desejado se referir especificamente a uma virgem, afinal, ele usou a palavra בְּתוּלָה, cinco vezes ao longo de seu livro (vide Isaías 23:4, 23:12, 37:22; 47:1, 62:5).
2. Por que Isaías, o profeta que protestou contra a idolatria (vide, por exemplo, Isaías 19:7-8, 41:18-26, 44:9-20, 46:1-7, 57:3-14; 65:1 -7), usaria uma linguagem ambígua de uma velha fonte pagã (se era mesmo conhecido dele) em uma profecia que deveria ser precisa? Tal como os outros profetas de sua época, Isaías condenou a idolatria e os idólatras. De acordo com a nossa tradição, assim que Manassés, um notório idólatra, sucedeu ao trono, assassinou Isaías.

As informações acima indicam que o autor do tratado missionário usa indevidamente o material técnico do Professor Gordon citando seletivamente apenas algumas partes que serviriam ao seu propósito. Isso coloca em questão a relevância da nota técnica com a profecia de Isaías 7:14.

Embora o Professor Gordon tenha sido amplamente reconhecido e respeitado como lingüista e arqueólogo secular, suas credenciais como um estudioso teólogo do judaísmo são inexistentes, como indicado pela ausência de qualquer registro relevante publicado dele nessa área. Isso também é confirmado no resumo biográfico na *Enciclopédia Judaica*, onde ele é descrito como um "estudioso semítico americano"[13], e do fato de que esta nota técnica particular não é citado em nenhuma outra publicação conhecida (judaica ou cristã) sobre Isaías 7:14, exceto por este tratado missionário. Portanto, é razoável concluir que a alegação relacionando à nota do Professor Gordon sobre Isaías 7:14 carece de integridade e legitimidade.

Conclusão sobre o Anexo #1: A alegação missionária cristã que alega haverem descobertas arqueológicas que apoaiam o significado de עַלְמָה como "virgem" em Isaías 7:14 é falsa.

[13] *Encyclopedia Judaica*, Vol. 7, p. 794, Keter Publishing House Ltd. (1971)

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

C. Anexo #2 - Rabi Abraham Farissol sobre a possibilidade de um "nascimento virginal"

✞ **Alegação Cristã**: O autor do tratado missionário faz a afirmação de que "sábios judeus, por vezes, tinham algo a dizer sobre a possibilidade de um nascimento virginal". A primeira citação oferecida é uma passagem atribuída ao rabino Abraham Farissol, um notável sábio judeu medieval:

> Não podemos negar a possibilidade de que Deus, abençoado seja Ele, poderia criar em uma virgem, ainda que ninguém conheça, pois Ele criou tudo a partir do nada.
>
> - citado por Daniel J. Lasker, em Jewish Philosophical Polemics Against Christianity in the Middle Ages [*Polêmicas Filosóficas Judaicas Contra o Cristianismo na Idade Média]* (New York: KTAV/ADL, 1977), p. 153.

✡ **Resposta Judaica**: O rabino Abraham Farissol (1452-1528) foi um sábio judeu, polemista e geógrafo que veio de Ferrara, na Itália. A pergunta é: *a citação no tratado missionária uma representação exata do contexto das palavras do rabino Abraham Farissol?*

A resposta a esta pergunta é obtida, mais uma vez, examinando-se a fonte citada no Anexo #2. O material a partir do qual a citação foi extraída aparece no início do sétimo capítulo no livro do Professor Lasker, os primeiros parágrafos dos quais são reproduzidas na Figura II.C-1, onde a passagem citada pelo autor do tratado missionário está em destaque[14].

Figura II.C-1 - Parte relevante do livro de Daniel J. Lasker [referências a nota de rodapé são omitidas]

CAPÍTULO SETE:
Nascimento virginal

O dogma cristão do nascimento virginal ensina que Maria, a mãe de Jesus, permaneceu virgem, ou seja, *virgo intacta*, toda a sua vida, antes, durante e após o nascimento de seu filho. "A fé cristã é que a virgindade de Maria nunca foi quebrada, nem no momento do nascimento [*in partu*] nem antes [*ante partum*], nem depois [*post-partum*]".* Os polemistas judeus desafiaram esta afirmação em todos os três pontos.

A doutrina da concepção virginal não foi atacada per se. A possibilidade de que uma mulher poderia conceber com a sua virgindade intacta, embora por meio de fertilização normal, é uma ocorrência que é concedida no Talmud. No entanto, os polemistas judeus rejeitavam a noção de que Deus poderia encarnar-se ao engravidar uma virgem tornando-se pai de um filho que era, de acordo com a doutrina cristã, o próprio Deus. Assim, os pensadores judeus raramente ofereciam argumentos contra a doutrina do ante partum da virgindade de Maria, sem referência a encarnação. Abraham Farissol expressou desta forma:

> Nós não podemos negar a possibilidade de que D'us, Abençoado seja Ele, poderia criar uma criação em uma virgem, ainda que ninguém tenha conhecimento, pois Ele criou tudo a partir do nada. Pelo contrário, nós negamos que houve uma necessidade de encarnação.

A negação da encarnação é justificação suficiente para a rejeição da doutrina da concepção virginal de Maria de Jesus.

[14] Daniel J. Lasker, *Jewish Philosophical Polemics Against Christianity in the Middle Ages*, p. 153, Ktav Publishing House, Inc. (1977).

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

[**Para referência futura**: Tome nota das duas primeiras frases do segundo parágrafo do Capítulo Sete acima (mostrado em negrito), que serão discutidos na Sec. II.E abaixo.]

De acordo com o contexto de toda a passagem, o rabino Abraham Farissol disse algo muito mais significativo que o autor do tratado missionário quis transmitir ao leitor, o que é evidente a partir das partes que ficaram de fora da citação, ou seja, a frase "uma criação" e toda a última frase: "Pelo contrário, nós negamos que havia uma necessidade de encarnação". O contexto em que esta citação é apresentada pelo Professor Lasker é indicado imediatamente após a citação do rabino Abraham Farissol.

O Professor Lasker conclui o sétimo capítulo com a seguinte declaração (a última frase é mostrada em **negrito** para ênfase)[15]:

Figura II.C-2 - Parágrafo Conclusivo no livro de Daniel J. Lasker

Não havia muitos argumentos filosóficos judaicos contra a doutrina cristã do nascimento virginal. Após citarem as contradições filosóficas óbvias entre o nascimento virginal e a impossibilidade da interpenetrabilidade dos corpos, refutando as imagens do nascimento virginal apresentados na natureza, os polemistas não empregavam mais outros argumentos racionais. Como Isaac Lupis declarou: "Que mais posso acrescentar, a fim de refutar esta crença estranha, uma vez que não tem absolutamente nenhum apoio, nem da razão nem do intelecto" (71). **O dogma do nascimento virginal, portanto, era mais uma crença cristã que os polemizadores judeus consideravam irracionais, eles buscavam demonstrar aquela irracionalidade por meio do uso de argumentos filosóficos**.

Esta evidência demonstra que a referência no tratado missionário às citação do Professor Lasker das obras do rabino Abraham Farissol não pode ser usado para apoiar as alegações de que um "nascimento virginal" foi profetizado por Isaías e que a aplicação de עַלְמָה em Isaías 7:14 significa "uma virgem".

O autor do tratado missionário engana seus leitores retirando totalmente de seu verdadeiro contexto uma parte de um trabalho original de um sábio judeu a fim de promover suas alegações.

Conclusão no Anexo #2: A alegação missionária cristã de que o rabino Abraham Farissol apoiou a idéia de um "nascimento virginal" é enganadora e falsa.

D. Anexo #3 - O autor de uma obra judaica medieval escreve sobre a possibilidade de um "nascimento virginal"

- ✞ **Alegação Cristã**: O autor do tratado missionário oferece mais evidências de que sábios judeus apoiaram a possibilidade de um "nascimento virginal" com a seguinte citação de uma conhecida obra judaica medieval:

"Admitindo-se que o profeta disse que uma virgem daria à luz um filho". E então? "Não existe, afinal de contas, nenhuma dúvida de que a mão do Senhor não é incapaz de cumprir a sua vontade e desejo, e que ele é um governante que pode fazer o que quiser...".

- David Berger, The Jewish-Christian Debate in the High Middle Ages: A Critical Edition of the Nizzahon Vetus [*O Debate Judaico-Cristão na Alta Idade Média: uma Edição Crítica do Nizzahon Vetus*] (Northvale, NJ: Jason Aronson, 1996, © 1979), p. 103.

[15] Ibid, pp. 158-9.

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

✡ **Resposta Judaica**: O **Nizzahon Vetus**, ou **Antigo Livro de Polêmica**, é um exemplo excepcionalmente abrangente de debates judaicos medievais contra o cristianismo. O judeu anônimo da Europa do Norte que escreveu o livro no final de XIII ou início do século XIV, refuta a interpretação cristológica da Bíblia Hebraica e sujeita o Novo Testamento e o dogma e cristão a uma crítica rigorosa. Então, mais uma vez, a pergunta é: *a citação no tratado missionário é uma representação precisa do contexto do material contido no Nizzahon Vetus?*

A Figura II.D-1 mostrará aproximadamente metade da seção relevante do livro de David Berger com a parte citada pelo autor do tratado missionário em destaque para dar ênfase[16].

Figura II.D-1 - Parte relevante do *Nizzahon Vetus*

[86] 'Almah, Emanuel, e a profetisa (Isaías 7, 8)

Os hereges dizem também que "Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho" [Isa. 7: 14] foi dito sobre Maria que era virgem e deu à luz um filho, caso contrário isto não constituiria uma novidade ou um sinal. "E será chamado pelo nome de Emanuel" [ibid.], pois quando ele é nascido Deus [sic] estará conosco, ou seja, ele será Deus. "E eu vim ter com a profetisa" [Isa. 8:3] - que é Maria. "Vamos juntos, ó povo, e vós sereis quebrados em pedaços... Tomai conselho, e ele será frustrado..." [Isa. 8:9-10] - são os judeus que tomavam conselho para matá-lo.

Agora ouçam os homens de entendimento, e vejam quão confuso são suas palavras e como elas contradizem as palavras do Deus vivo. O livro de Isaías está, afinal, em nossa posse e atesta que esses versos não são escritos em conjunto, mas encontrados em dois ou três lugares diferentes, além disso, ainda atesta que Isaías profetizou a respeito de dois filhos, um chamado Immanuel e outro chamado Maher Shalal Hash Baz.

Agora, se você prefere responder brevemente, então lhes diga: "Admitindo-se que o profeta disse que uma virgem daria à luz um filho". E então? "Não existe, afinal de contas, nenhuma dúvida de que a mão do Senhor não é incapaz de cumprir a sua vontade e desejo, e que ele é um governante que pode fazer o que quiser...", mas ainda assim, como você sabe que esta virgem é Maria? Onde você encontra o nome dela ou de seu filho, de modo que você possa saber? Eu poderia dizer, ao contrário, que isto se refere a outra virgem ou que acontecerá no futuro. E se a sua visão baseia-se no nome Emanuel, ou seja, Deus está conosco, isso não é prova, pois então você poderia fazer a mesma afirmação sobre a divindade de Ishmael, filho de Hagar, usando esse tipo de raciocínio. Lá também o anjo lhe disse: "Eis que está grávida, e tu darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Ishmael" [Gen. 16:11], e você pode interpretar o nome da seguinte forma: Todo mundo irá ouvi-lo, porque ele é Deus. Similarmente, é dito sobre Hanna: "E ela chamou o seu nome Samuel" [1Sam. 1:20], um nome que pode ser explicado como "Seu nome é Deus." Se ele disser, em seguida, que Hagar e Hanna não eram virgens quando Maria era, isso contradiz Salomão, que disse: "Não há nada novo sob o sol ... o que foi é o que há de ser "[Ecl. 1:9]. Além disso, onde encontramos os profetas nos advertindo a respeito de sua Torá e a crença na sua divindade quando fomos avisados no Sinai por Moisés, como está escrito: "Eu sou o Senhor, teu Deus...Não terás outros deuses além de mim "[Êxodo. 20:2-3]? Assim, pode-se entender que as suas palavras não têm substância e que estas profecias não dizem respeito a divindade.

Além disso, você pode refutá-lo e responder com verdadeiras e próprias palavras, dizendo-lhe:

[16] David Berger, *THE JEWISH CHRISTIAN DEBATE IN THE HIGH MIDDLE AGES - A critical edition of the NIZZAHON VETUS*, (pp. 102-104), Jason Aronson, Inc. (1996)

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

De acordo com o que disse Isaías: "Eis que uma jovem mulher está grávida" e toda a passagem sobre Maria e seu filho, venha e examine a linguagem do verso e deixe seus ouvidos ouvirem o que sai de sua boca. No que diz respeito ao verso: "Eis que uma jovem mulher está grávida (*Harah*)," você não pode explicar *Harah* exceto como uma referência ao passado, ou seja, que ela já concebeu, enquanto Maria ainda não tinha concebido e não o fez por outros mil anos. De acordo com você, então, por que está dito *harah*? Ele deveria ter dito *tahar* que teria sido uma referência ao futuro. Além disso, veja o que ele diz logo depois: "Pois antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra que temes será desamparada dos seus dois reis" [Isa. 7:16]. Agora, se ele era Deus, qual é o significado de "antes que o menino saiba, etc"? Ora, ele deveria ter conhecido e compreendido a diferença entre o bem e o mal desde o dia de seu nascimento, já que Deus estava dentro dele. De fato, no que diz respeito à sua declaração de que ele eventualmente realizou maravilhas para que as pessoas acreditassem que ele era Deus, o que poderia ter sido um sinal maior do que a distinção entre o bem e o mal logo que saísse do ventre de sua mãe, permanecendo sem comer e beber? Assim as pessoas teriam acreditado nele. Como é, no entanto, o fato de que nós não sabemos nada dele durante a sua juventude para distingui-lo de outras crianças, levando-nos a descrer das maravilhas realizadas em sua vida adulta e concluir que ele executou-as através de magia como faziam os encantadores, adivinhos e observadores dos presságios. Além disso, onde esses versículos indicam que Maria estava virgem quando deu à luz a seu filho? Afinal, *'almah* em hebraico não denota necessariamente uma virgem; *virgo* significa mulher jovem.

O título do artigo [86], " 'Almah, Emanuel, e a profetisa (Isa. 7, 8)", e seu conteúdo, indicam que esta é uma refutação da alegação cristã sobre o uso de עַלְמָה significando "virgem". A passagem citada pelo autor do tratado missionário é a declaração de abertura em uma contra-argumentação que refuta a "Nascimento virginal". Observre o que não foi citado! Embora o segmento citado por si só, sem o texto ao redor parece apoiar a alegação missionária, o passagem inteira demonstra que o *Nizzahon Vetus* não é "amigável" para a doutrina cristã, especialmente quando tal doutrina é supostamente baseada em passagens da Bíblia Hebraica.

É evidente que, mais uma vez, o autor do tratado missionário engana seus leitores retirando totalmente de seu verdadeiro contexto, uma parte de um trabalho original por um sábio judeu a fim de promover suas alegações.

Conclusão sobre o Anexo #3: A alegação missionária cristã de que o autor judeu do *Nizzahon Vetus* apoia a noção de um "nascimento virginal" é enganosa e falsa.

E. Anexo #4 - Dr. Adam Kamesar sobre a possibilidade de um "nascimento virginal"

- **Alegação Cristã**: A próxima citação oferecida como evidência de que sábios judeus apoiavam a possibilidade de um nascimento virginal é a seguinte citação do Dr. Adam Kamesar, erudito contemporâneo:

A doutrina da concepção virginal não foi atacada per se. A possibilidade de que uma mulher pudesse conceber com a sua virgindade intacta, embora por meio de fertilização normal, é uma ocorrência que é concedida no Talmud.

- Adam Kamesar, "The Virgin of Isaiah 7:14: The Philological Argument from the Second to the Fifth Century," Journal of Theological Studies, n.s., vol. 41 part 1 (April 1990), p. 51.

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

- ✡ **Resposta Judaica**: O Dr. Adam Kamesar é o diretor da Escola de Pós-Graduação no Hebrew Union College em Cincinnati, OH (O seminário rabínico do Judaísmo Reformista). *O Dr. Kamesar realmente escreveu isso?*

A Figura II.C-1 a seguir, uma nota especial foi feita sobre as duas seguintes declarações no segundo parágrafo da parte mostrada a partir do sétimo capítulo no livro do Professor Lasker:

A doutrina da concepção virginal não foi atacada per se. A possibilidade de que uma mulher poderia conceber com a sua virgindade intacta, embora por meio de fertilização normal, é uma ocorrência que é concedida no Talmud.

Esta passagem do livro do Professor Lasker é idêntica ao da passagem sendo atribuída ao Dr. Kamesar pelo autor do tratado missionário. *O que ocorre aqui?*

Dr. Kamesar é, de fato, um estudioso contemporâneo judeu/judaico conhecido por sua pesquisa sobre São Jerônimo. A revista citada apresenta uma profunda análise do início da Apologética cristã (ou seja, as defesas) da tradução cristã e interpretação do substantivo hebraico עַלְמָה de Isaías 7:14[17]. O artigo do Dr. Kamesar é baseado em sua tese de doutorado apresentada na Universidade de Oxford em 1987. No entanto, a citação atribuída a ele pelo autor do tratado missionário não existe neste artigo. A passagem citada realmente foi levantada a partir de livro de Professor Lasker, e não do artigo do Dr. Kamesar; o autor do tratado missionário ilude o leitor mais uma vez.

Conclusão sobre o Anexo #4: A alegação missionária de que o Dr. Adam Kamesar apoia a noção de um "nascimento virginal" é uma grande farsa!

F. Anexo #5- A Professora Suzanne Daniel sobre a Septuaginta, como sendo um documento judaico.

- ✞ **Alegação Cristã**: Na tentativa de convencer os leitores de que a referência do Professor Gordon à *Septuaginta* dá credibilidade à alegação de que ela, a *LXX*, é um documento judaico, o autor do tratado missionário escreve:

> A Septuaginta é a tradução para o grego das Escrituras Hebraicas feita em prol dos judeus de língua grega no Egito. Esta é a versão que traduziu "almah" como "parthenos", que quase sempre significa "virgem". Alguns têm subtraído o seu valor alegando que, exceto pela Torá, a Septuaginta é uma tradução cristã. No entanto, essa não é a visão da maioria dos estudiosos.

Para apoiar a afirmação de que "... **essa não é a visão da maioria dos estudiosos**", o autor cita como prova os seguintes trechos de um artigo acadêmico sobre a *Septuaginta Grega*:

> Suzanne Daniel, Professora Associada de Literatura Judaico-Helenística da Universidade Hebraica de Jerusalém:
>
> Sobre a porção da Torá da Septuaginta:

[17] ***The Virgin of Isaiah 7:14: The Philological Argument from the Second to the Fifth Century***, *Journal of Theological Studies*, NS, pp. 51-75, Vol. 41, Pt. I (April 1990)

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

Supõe-se que o projeto foi iniciado pela prórpia comunidade judaica de língua grega que precisava de uma versão do Pentateuco para adoração e instrução.

Sobre as porções dos Profetas e dos Escritos da Septuaginta:

É geralmente aceito que as versões dos antigos e últimos profetas devem ser colocadas antes do final do século III antes da era comum e que pelo menos alguns dos Hagiógrafos já eram traduzidos no início do segundo século antes da era comum, uma vez que o prólogo ao Ben-Sira grego (132 a.E.C.) refere-se a uma versão já existente da "Lei, dos Profetas e de outros escritos". Portanto, aceita-se que uma versão completa da Bíblia Hebraica existia pelo menos no início do primeiro século da era comum.

- "Bíblia", seção "Gerga: A Septuaginta", Enciclopédia Judaica.

✡ **Resposta Judaica**: *Esta afirmação é precisa?* Antes dos segmentos mencionados serem analisados, a seguinte alegação deve ser abordada:

"Alguns têm subtraído o seu valor, alegando que, exceto pela Torá, a Septuaginta é uma tradução cristã".

Esta não é uma declaração exata sobre as objeções judaicas. Os problemas judaicos com a *Septuaginta* sendo uma tradução judaica autorizada para o grego de *toda* a Bíblia Hebraica são baseados nas seguintes evidências:

- ➔ A evidência histórica comprova que a *Septuaginta Original* era uma tradução grega autorizada *apenas* da Torá.
- ➔ Evidências são encontradas na *LXX* de hoje (*Septuaginta*), como erros factuais, falta de informações, e um dialeto incompatível com o grego koiné falado no terceiro século antes da era comum.

A *LXX* de hoje é um documento traduzido totalmente por autores desconhecidos, mais provavelmente por tradutores cristãos, a evidência é ampla e convincente foi resumida na Seção II-B acima.

A parte relevante do artigo sobre a *Septuaginta* feita pela professora Suzanne Daniel será mostrada na Figura II.F-1, com as passagens que são citadas no tratado missionário com destaque para ênfase[18].

Figura II.F-1 - A parte relevante do artigo da professora Suzanne Daniel sobre a Septuaginta

0ORIGEM E HISTÓRIA. É amplamente aceito que o que a *Carta de Aristeas* relata sobre uma tradução oficial do Pentateuco feito na Alexandria no início do terceiro século antes da era comum pode ser tomado como válido. No entanto, presume-se que o projeto foi iniciado pela própria comunidade judaica de língua grega que precisava de uma versão do Pentateuco para adoração e instrução. Esta versão, que foi, sem dúvida, um empreendimento coletivo, talvez com base em tentativas escritas ou orais, foi saudada com entusiasmo pela comunidade. Ela foi seguida por traduções de outros livros da Bíblia Hebraica. De acordo com Thackeray, as necessidades litúrgicas dos judeus de Alexandria levaram a uma tradução gradual dos profetas seguida pela dos Profetas antigos durante o segundo século, enquanto os livros Hagiógrafos foram traduzidos separadamente no primeiro século antes da era comum ou posteriormente.

[18] Suzanne Daniel, "*The Septuagint*", in the *Encyclopedia Judaica*, Vol. 4B, pp.851-856, Keter Publishing House, Ltd. (1971). [O artigo completo não pode ser reproduzido devido a restrições do direito autoral.]

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

No entanto, é geralmente mais aceito que as versões dos antigos e últimos profetas devem ser colocadas antes do final do século III antes da era comum, e que pelo menos alguns dos Hagiógrafos já eram traduzidos no início do segundo século antes da era comum, uma vez que o prólogo ao Ben-Sira grego (132 a.E.C.) refere-se a uma versão já existente da "Lei, dos Profetas e de outros escritos". Portanto, aceita-se que uma versão completa da Bíblia Hebraica existia pelo menos no início do primeiro século da era comum. Tudo ou quase tudo era de origem egípcia, porém, assim que cada componente emergia, era divulgada por toda a Diáspora helenística e Palestina. Deve ter havido uma considerável confusão na sua transmissão devido às corrupções normais dos escribas e uma incompreensão crescente das intenções dos tradutores que usaram uma técnica bastante flexível e não tinham trabalhado dentro de um padrão original. Os desvios resultantes foram ainda mais desconcertantes quando o cânon hebraico foi definitivamente fixado. Isto pode explicar a insatisfação dos judeus pela Septuaginta, uma atitude que foi, sem dúvida, agravada pelo uso entusiasta dele pelos cristãos. Como resultado, as novas versões foram feitas no decurso do segundo século por Aquila, Teodocião e Símaco (ver abaixo).

Pouco tempo depois, Orígenes ficou alarmado com o estado do texto grego da Bíblia: este último não só diferia significativamente do texto hebraico dos judeus, que ele acreditava ser a original, mas apareciam em uma grande variedade de formas nos manuscritos correntes entre os cristãos. Seu propósito na produção de sua enorme obra conhecida como a Hexapla ("sextuplo", concluído em 245 da era comum) foi o de reconstituir e padronizar o "genuíno" texto da Septuaginta, essencial tanto para exegeses e apologéticas mais eficazes. A Hexapla consistia de seis colunas paralelas, a primeira - o texto hebraico padrão, a segunda - o mesmo transcrito em caracteres gregos, a terceira, quarta e sexta - as versões de Áquila, Símaco e Teodócio respectivamente; o texto crítico da Septuaginta compilado por Orígenes perfazia a quinta coluna. Ela foi muitas vezes recopiado separadamente e gozava de grande circulação na Palestina. No entanto, ela não se tornou proeminente em todo o mundo cristão uma vez que, no final do quarto século, Jerônimo referiu-se à existência de outras duas recensões, uma egípcia por Hesíquio e outra feita na Ásia Menor por Luciano. A existência destas três versões podem, por si só permitir uma explicação suficiente das muitas discrepâncias apresentadas pelos manuscritos da Septuaginta.

O contexto do material em torno das passagens citadas não suporta a afirmação feita pelo tratado missionário. Ao ler o artigo inteiro o uso repetido do termo "versão Alexandrina", uma referência à *Septuaginta Original* é digno de nota, e isso deve ser contrastada com a afirmação feita no tratado missionário de que toda a Bíblia Hebraica era parte da tradução original. Ao contrário da mensagem que o autor do tratado missionário tenta transmitir ao leitor, o artigo da professora Suzanne Daniel deixa claro que ela não apoia a ideia de que a *Septuaginta Original* ("versão Alexandrina") foi uma tradução grega de toda a Bíblia Hebraica. Em vez disso, que ela consistia de uma tradução grega apenas da Torá (Pentateuco), como também observado por Josefo, São Jerônimo, e na *Carta de Aristeas*, referido pela professora Suzanne Daniel.

<u>Conclusão sobre o Anexo #5</u>: A alegação missionária de que a Septuaginta, a qual o professor Gordon se refere como sendo um documento judaico, é enganadora e falsa.

III. SUMÁRIO

A análise do tratado missionário *"Almah significa jovem mulher ou virgem'?"* apresentada neste ensaio demonstrou que toda "evidência" usada pelo autor a fim de convencer o leitor de que a palavra hebraica עַלְמָה, como usada na Bíblia Hebraica, significa "virgem", é falsa. Este resultado nos leva as seguintes observações:

➔ A fraude é a principal ferramenta dos missionários cristãos para enganar judeus

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved

➔ Os enganadores contam com a confiança dos seus leitores e, portanto, não verificam se:

- as fontes são citadas com precisão e dentro do contexto adequado
- as fontes citadas são reais e não falsas

➔ Os enganadores muitas vezes dão a falsa impressão de que eles conhecem a língua hebraica

➔ Os enganadores violam os mandamentos bíblicos contra o falso testemunho (Êxodo 20:13, Deuteronômio 5:17)

Aqueles que confiam cegamente nestes tratados, como o analisado neste ensaio e a usam para reforçar suas crenças religiosas colocam-se em constante risco de serem enganados.

Deve-se notar aqui que nem todos os que se empenham no trabalho missionário decidem ser deliberadamente enganadores. Alguns deles, talvez a maioria, fazem seu trabalho de forma mecânica, ou seja, eles citam ou repetem o material que lhes foi entregue ou as fontes de onde foi gerado sem compreendê-las. Os enganadores são aqueles que criam esse tipo de material e aqueles que se propagam sabendo que isto não é verdade. Toda alegação feita por missionários cristãos deve ser pesquisada e validada, não sendo indicado serem "tomados pela fé" só porque soam plausíveis.

Aquilo que precisa ser defendido com o engano não vale a pena nem mesmo ser refutado!

Copyright © Uri Yosef, PhD, 2001-2010 for the Messiah Truth Project, Inc.
Tradução: Renato Santos Grun
All rights reserved